

Covid-19: Conselho de Escolas Médicas critica DGS pela posição sobre máscaras

07:45 por [Lusa](#)

Fausto Pinto recorre ao exemplo da República Checa para explicar que a política checa de utilização obrigatória de máscara de proteção resultou em "metade dos casos e cerca de 40 mortos" provocados pelo novo coronavírus.



Foto: EPA/MARTIN DIVISEK

O presidente do Conselho de Escolas Médicas Portuguesas (CEMP), Fausto Pinto, critica a posição da [Direção-Geral da Saúde](#) sobre as máscaras de proteção face à pandemia de [covid-19](#) e defende que o argumento da sua ineficácia não é verdadeiro.

"Está demonstrado que a utilização das máscaras diminui o potencial de contaminação. O que nos incomodou na posição da Direção-Geral da Saúde (DGS) foi o argumento utilizado: de que não era eficaz. Isto não é verdade. O que temos é que não há máscaras suficientes e, por isso, arranjou-se um artifício, uma desculpa, dizendo que as máscaras não são eficazes", afirma, em entrevista à *Lusa*, o líder do conselho que reúne a academia portuguesa na área da medicina.

Fausto Pinto recorre ao exemplo da República Checa, "um país com a dimensão de Portugal", para explicar que a política checa de utilização obrigatória de máscara de proteção resultou em "metade dos casos e cerca de 40 mortos" provocados pelo novo

coronavírus, reiterando ainda que se ensina "em dois minutos" a população a usar uma máscara corretamente.

Em defesa da "atitude de intervenção cívica" do CEMP, que já emitiu dois comunicados com recomendações nos dias 25 e 28 de março, o também diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa considera que as medidas de quarentena em vigor no país "deviam ser mais rigorosas" e que a economia precisa ficar para segundo plano.

"Só há economia se houver pessoas. Obviamente que a economia é importante, mas em primeiro lugar está a saúde. A prioridade atualmente é a preservação da saúde pública e minimizar ao máximo o impacto desta pandemia em Portugal. Toda a atividade não essencial devia encerrar. O filme está feito, já sabemos o que vai acontecer".

Paralelamente, Fausto Pinto lamenta os "muito poucos testes" que se fizeram nas primeiras semanas de disseminação do SARS-CoV-2, defendendo que as autoridades foram "muito restritivas" e condicionaram a "caracterização epidemiológica" em território nacional. Já as carências iniciais registadas nos equipamentos de proteção dos profissionais de saúde merecem também um reparo.

"Talvez tivesse sido importante haver um planeamento mais atempado, de forma a ter esses equipamentos disponíveis e também os mecanismos de avaliação dos doentes, que em alguns hospitais não foram os ideais. A situação parece estar mais estabilizada, mas houve um período em que muitos profissionais estavam a trabalhar em condições subótimas. Houve um atraso no reforço desses equipamentos e dessas condições", nota.

Salientando que os portugueses estão perante "o maior desafio das suas vidas", o presidente do CEMP assinala a importância do acesso à informação e censura as autoridades por ainda não terem libertado todos os dados anonimizados de doentes para o trabalho dos investigadores científicos.

"Receamos que seja nomeada uma comissão com intuits mais políticos do que técnico-científicos, o que nos deixa um pouco desconfortáveis. Tem havido números que não batem certo. Não é muito transparente", observa Fausto Pinto, enfatizando: "Devia haver uma coordenação independente que permitisse a colheita e a análise desses dados. Tudo isto deve estar nas mãos da comunidade científica, que o quer fazer e tem capacidade para o fazer".

Por fim, Fausto Pinto assume a sua estranheza por o CEMP não ter sido formalmente consultado ao longo deste cenário de pandemia pela DGS ou pelo Ministério da Saúde.

"Nunca fomos contactados. Estranhámos um pouco, mas governa quem governa e tem responsabilidade para governar. Apenas podemos emitir a nossa opinião e respeitamos as decisões que as autoridades tomarem", finaliza.

O novo coronavírus, responsável pela pandemia da covid-19, já infetou mais de um milhão de pessoas em todo o mundo, das quais morreram mais de 51 mil. Dos casos de infeção, cerca de 190.000 são considerados curados.

Em Portugal, segundo o último balanço feito pela Direção-Geral da Saúde, registaram-se 209 mortes, mais 22 do que na quarta-feira, e 9.034 casos de infeções confirmadas, o que representa um aumento de 783 em relação a terça-feira.